

EROS

Paulo Roberto Bastos Canella¹⁰

EROS

Resumo: O autor faz considerações sobre o mito de Eros em suas diversas acepções. O Eros primitivo, filho de Chaus ou de Nix, o Eros olímpico filho de Afrodite e o Eros platônico nascido da Deusa Penia, a pobreza, e do Deus Poros, a passagem, a engenhosidade. Descreve-se o mito de Eros e Psique e suas possíveis interpretações, quando o deus primordial passa a integrar a mitologia ligada a Zeus e Apolo e a civilização passa a conter as formas dionisíaca e apolínea.

Palavras-chave: Mitologia grega; amor; sexualidade; alma.

Abstract: The author makes considerations about Eros' myth in their several meanings: the primitive Eros, son of Chaus or of Nix, the Olympic Eros, son of Aphrodite and the Platonic Eros, son of Deusa Penia's, the poverty, and of Deus Poros, the passage, the ingeniousness. Eros' myth and Psyche are described and their possible interpretations, when the primordial god turns to integrate the mythology linked to Zeus and Apollo and the civilization starts to contain the dionisian and the apolinian forms.

Keywords: Mythology Greek; love; sexuality.

Eros, no grego antigo ΕΡΟΣ é traduzido como amor. Como Deus da Mitologia helênica, Eros se mostra divindade que une seres para produzir outros seres, une, segundo Platão, para que sejam produzidas coisas boas e belas. Assim, a harmonia parece estar no motivo das uniões que Eros preside. Ha três representações de Eros: como Deus primordial, como Deus olímpico, e como um daimon, um emissário do divino nas uniões entre os humanos.

Como Deus primordial Eros, com o nome de Fanes (o brilho) descende de Caos, a energia do vazio primordial anterior à criação. Além de Eros, Caos gerou ainda Erebo, o mundo subterrâneo e Geia, a terra. Na cosmogonia órfica, há duas acepções para a geração de Fanes: Caos teria gerado Nix, a noite, que pôs um ovo do qual nasce Eros da gema e das duas metades da casca surgem Uranos, o céu e Geia, a terra cósmica. A outra acepção diz que Cronos, o tempo, gera no Éter e no Caos o ovo primordial do qual nasce Fanes, a gema e, das duas metades da casca, Urano e Geia. Os órficos ainda ensinam que Zeus engoliu Fanes e os demais deuses primordiais, para instalar a hegemonia olímpica.

Na Teogonia de Hesíodo, Nix e Caos precedem a criação do Ceu e da Luz (Éter e Hymero). É Eros que permite a união de Caos, Noite e Erebo, para que possam procriar amor, união, atração. Eros mistura, multiplica, varia as espécies animais e vegetais; os minerais líquidos e fluidos é toda a criação. União, afinidade universal. Imagina-se o Anteros, a antipatia, (o ódio) a desunião, aversão, desagregação. Anteros é a força que solicita a ação de Eros para que o universo não volte ao Caos.

O Eros primordial se revela como um princípio de união, as coisas primordiais nasciam de outras coisas primordiais, cunhando entidades simbólicas representativas; com Eros, coisas se unem para produzir outra coisa, a reprodução por emanção dá lugar à reprodução por conjugação, quase como de assexuada para sexuada.

¹⁰ Prof Titular de Ginecologia UFRJ. Chefe do Ambulatório de Sexologia – Instituto de Ginecologia UFRJ.
e-mail: parobastos@ig.com.br

Como deus maior, Eros representa, assim, a coesão interna do cosmos e a capacidade de geração, a conjugação, a reprodução. Em Tespias, venerava-se Eros em uma pedra bruta.

O Eros primordial seria a força de atração, de coesão, entre todas as coisas do universo que se organizaram a partir do Caos.

Como deus nobre, olímpico, Eros tem várias origens. É tido como filho de:

1-Hermes e Afrodite: do Hermes Deus do comércio e da Afrodite nascida da espuma causada pelo semem dos testículos de Urano (o céu), castrado por Crono (tempo) e jogados ao mar, a chamada Afrodite urânia, celeste, representante do amor que une para o bem e o belo.

2-Ares e Afrodite: Ares, o Deus da guerra, e a Afrodite, filha de Zeus e Dione, chamada de pandêmica, popular, representando o amor vulgar, erótico reprodutivo. Este Eros pode ser tido como irmão o Anteros, o amor contrário ou recíproco.

3-Hermes e ArtemisCtônia (filha de Zeus e Perséfone em curiosa variante do mito). Seria o Eros alado, depois, entre os romanos, o Cupido, embora também seja tido como filho de Venus.

4- Filho de Ilítia, a deusa dos partos, depois ligada a Hera, essa deusa primitiva seria a mãe de Eros, outra curiosa variante do mito.

É esse Eros olímpico que se vê representado como um menino alado, com seu arco e suas flechas na aljava, a fazer traquinagens, flechando as pessoas e fazendo-as apaixonar umas pelas outras. É o Cupido, romano, que muitas vezes causa serias confusões de amor, mas de certa forma justificando divinamente amores inusitados e inconseqüentes.

Como deus “menor”, o popular Eros tem a representação de um daimon (daimonius), um gênio, um emissário entre os deuses e os homens. Platão, em “O Banquete”, faz Diotima - uma personagem criada pelo fundador da Academia, como filósofa de Mantineia, mestra do ainda jovem Sócrates-contar que Eros é filho de **Pénia e Poros**.

Penia é a pobreza, a falta, a carência, e **Poros** é o engenho, a passagem, o expediente, o recurso. Este Eros platônico nasceu nos Jardins de um palácio, onde havia uma festa dos Deuses para a qual Penia não fora convidada. Vagava Penia entre as flores, quando encontra o belo Poros dormindo embriagado e com ele se une, concebendo Eros. Justifica Platão, dessa forma, porque, em busca do seu objeto afetivo, o Amor é capaz de enormes baixezas e fantásticas artimanhas para chegar a realização dos desejos amorosos.

A passagem do Eros/Fanes primitivo, violento, dionisíaco, para o Eros luminoso, apolíneo se mostra no mito de Eros e Psique, relatado por Lucio Apuleio em “Metamorfoses”, já na Roma do século II. Apuleio descreve, em dois capítulos e meio, o mito das afinidades entre a alma e o amor. Afinidades que envolvem, até hoje, os humanos.

Diz o mito que, em uma cidade da Grécia, havia um rei e uma rainha que tinham três filhas, todas muito bonitas, mas a caçula, Psique, se destacava das duas irmãs mais velhas, que foram casadas pelos pais, pois não tinha pretendentes; era tal a sua beleza que tornou-se admirada, louvada e endeusada por todos, a ponto de despertar a ira de Afrodite, cujos templos se esvaziavam pelo verdadeiro culto prestado a Psique. Psique despertava um amor divinal e para ela não havia pretendentes. A Deusa do desejo carnal então incumbiu seu filho Eros de fazê-la apaixonar-se por um ser monstruoso. Os pais consultaram o oráculo de Apolo em Mileto e foi determinado que Psique deveria se exposta em um rochedo trajando roupas fúnebres, para ser possuída pelo monstro. Eros, ao vê-la, apaixonou-se e determinou que Zéfiro, o Deus dos ventos, a soltasse e levasse ao seu palácio. Na casa de Eros, um lugar de rara beleza, porém desabitada, Psique era servida por vozes e à noite, na escuridão, Eros apareceu sem se mostrar e com ela se conjugou, tornando-a sua esposa. A condição imposta pelo Deus era que ela jamais tentaria vê-lo e que um dia lhe daria um filho divino.

Com o tempo, Psique sentiu saudades das irmãs e pediu a Eros que lhe permitisse vê-las, Eros advertiu que haveria inveja e maus conselhos, mas cedeu aos rogos da esposa. As suas irmãs então

disserem que ela poderia estar casada com um monstro terrível, pronto a devorá-la, como profetizara o oráculo e a aconselharam a armar-se de um punhal e vê-lo sob a luz de uma lamparina; se fosse um monstro, deveria decapitá-lo. Psique fez o que sugeriram as irmãs e, ao iluminar o Deus, viu sua irresistível beleza divina. A surpresa fez com que ela se ferisse em uma de suas setas e deixasse cair óleo fervente em Eros, ferindo-o também. Eros então se foi e prometeu não mais voltar. Psique então saiu pelo mundo à sua procura e desnorteada, sem encontrar Eros, Psique resolveu buscar apoio de Afrodite. Mas Afrodite já havia sabido da traição do filho, que trocara seu amor pelo amor de uma mortal e, cheia de ódio, a recebeu e depois de castigá-la, impôs-lhe quatro tarefas impossíveis: separar uma montanha de grãos de todos os cereais misturados, colher tufo de lã de ouro em ovelhas selvagens, escalar uma escarpada montanha para encher um odre com “água perigosa” de uma fonte formada pelos rios infernais, Cocito e Estige, e depois ir ao Hades, pedir a Perséfone que lhe mandasse por ela um pouco da “beleza imortal” que Afrodite perdera, no cuidado com o filho doente pela queimadura. A Viagem era cheia de armadilhas, como o apelo à piedade ilícita e os perigos de Cérbero, o cão guardião do Hades, e do Barqueiro Caronte, do rio dos mortos. As tarefas eram impossíveis, mas foram realizadas com a ajuda de deuses e entidades como as formigas, o Caniço, a torre, a águia de Zeus, amigos de Eros, que queriam agradar sua esposa.

Ao voltar com a caixa de Perséfone para Afrodite, Psique não resistiu e a abriu, caindo em um sono profundo. Eros, já curado do ferimento causado por Psique, o amor curado do mal que lhe fizera a alma, saiu em socorro de sua amada e, recompondo a caixinha, despertou Psique e lhe disse para levá-la a Afrodite.

Eros então foi a Zeus, que aplacou a ira materna de Afrodite e, convocando uma reunião dos olímpicos, exortou Eros a deixar os desregramentos de paixão e, após tornar Psique divina, fazendo com que ela tomasse o néctar e a Ambrósia, casou-os, unindo por toda a eternidade a alma ao amor, Psique e Eros.

O mito de Eros e Psique parece que revela os arquétipos das relações amorosas entre os humanos. Como Édipo, Tântalos e o Eros primordial têm um papel importantíssimo nas teorias que buscam explicar o psiquismo Humano e muitos de seus comportamentos, a lenda de Eros e Psique está possivelmente na raiz das nossas afetividades, amor, paixão, amizade, carinho, raiva, ódio, desprezo e tantos outros sentimentos parecem ter um pé arquetípico na história das relações do amor com a alma.

A Alma, Psique, é uma mortal tão estonteantemente bela e atraente a ponto de ser confundida com o desejo que Afrodite, uma Deusa, desperta.

O Amor, Eros, expresso na Alma e o Amor erótico, a Paixão, mostrada na beleza do corpo humano.

O Amor capaz de, pelo desejo de Afrodite, levar a Alma a unir-se a um monstro realizando o determinado pelo oráculo de Apolo em Mileto.

O casamento da Alma com a morte, vestindo roupas fúnebres, espera a morte o pior monstro para ela, mas é salva pelo Amor.

A paixão do Amor pela alma, onde ele pode realizar-se entre os humanos.

A Alma pura, crédula e inocente casa-se com o Amor e deixa-se dominar por ele.

A Alma humana aceita o Amor, mas só pode senti-lo, não pode vê-lo. Submissão.

Aceito o Amor, a Alma se recolhe ao silêncio e ao segredo. Vive nas trevas da noite casada com o Amor. Vive em um palácio esplendoroso, suspeitando que esse amor maravilhoso, só sentido, possa ser o de um monstro. O monstro seria a morte segundo o oráculo.

O casamento causa estranheza e a Alma é levada a conhecer o Amor que sente apenas nas trevas da noite.

Conhecer o Amor significa ferir-se em uma de suas flechas e sofrer, e também ferir o Amor com óleo fervente da lamparina. Para conhecer o Amor, a Alma sofre e o faz sofrer. Psique, Eros e sofrimento.

Desperto Eros, o Amor foge da Alma, mas a beleza do amar faz com que Psique saia em sua busca.

O desejo de Afrodite em Eros, ela quer a alma só para si.

Afrodite não tem ajuda de Hera e Demeter, e a grande mãe, a Terra, precisa do Amor; é Eros que une e faz procriar, mas a Terra também não pode prescindir do Desejo sexual pelo qual Afrodite conjuga os seres que tem Alma.

Quando Psique encontra Afrodite, é recebida pelo Habito, pela Inquietação e pela Tristeza, o Desejo sexual, assim, age sobre a Alma, a maltrata quando ela está longe de Eros.

Para atender as tarefas impostas pelo Desejo, por Afrodite, Psique deve ordenar os pensamentos primitivos, os cereais, e separar os bons dos maus sentimentos, sabendo escolher os tufo de ouro. Deve ainda a Alma lidar com a “água perigosa” e saber desprezar a “piedade ilícita” não se dobrar aos sentimentos impuros.

É preciso que a alma volte das profundezas para encontrar o Amor.

Psique, como mulher, é sensível à beleza divina, que para ela é irresistível. É a beleza que dá poder ao Desejo para ele se realizar no Amor.

A alma leva o sono e ele embota psique. O Amor acorda a Alma que dorme.

Zeus, o grande dono da Luz, é que torna a alma imortal, divina, e a une ao Amor para sempre.

Eros e Psique, unidos, geram a Volúpia.

O mito de Eros e Psique é uma passagem do mundo primitivo, dominado pelas forças incontroláveis para um mundo luminoso no qual a mente assume um papel de controlador, desde que não ignore os instintos primordiais que regem a grande mãe, a Terra. Tanto Eros como Afrodite incorporam a Alma como a Alma passa a conhecer o Desejo sexual e o Amor. É também a lenda que trata primitivamente do que seria o nascimento do amor romântico, por volta dos séculos XII e XIII na Europa, o amor como força pessoal de atração entre os seres, o direito de casar por amor.

A alma incorpora o amor

Alma – psique: humana, feminina e masculina

Amor – Eros: humano, feminino e masculino

A revelação de Eros, para Psique, o internaliza, passa a ser o Eros interior, olímpico, saindo do Eros primordial, externo.

O Eros interior é o divino, filho de Afrodite.

Psique une a estrutura dual de Eros. que se mostra também como Anteros.

Do Eros inferior ao superior, do Eros de Afrodite ao Eros de Psique

Referências bibliográficas

ANDRADE, M.M. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro: ILHIA, IFCS/UFRJ, 2001.

BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega Vol. I,II,III. Petrópolis: Vozes 1990.

_____. Dicionário Mítico- Etimológico. Petrópolis: Vozes,1993.

BULFINCH, T. O Livro de Ouro da Mitologia. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

CALASSO, R. Nupsias de Cadmo e Harminia. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1990.

GRÉCIA. Dicionário da Mitologia. Copyright 809/1996.

GRIMAL, P. Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1993.

HAMILTON, E. Mitologia. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOSSÉ, C. Dicionário da Civilização Grega. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

OTTO, W. F. Teofania. São Paulo: Odisseu, Ed. 2006.

SOUZA, E. Mitologia. Lisboa: Guimarães Ed., 1984.

VIDAL-NAQUET, P. O Mundo de Homero. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2002.

VRISIMTZIS, N.^a Amores, Sesso & Matrimonio nella Grécia Antiga, ISBN 960-90 162-2-7,